

Céus diferentes

Felipe Dexheimer · texto escrito para a Revista Piauí (2021, não publicado)

Revista Piauí · 2021

Durante o lockdown imposto pela pandemia de COVID-19, a Revista Piauí publicou uma série de matérias sobre a vida naquele momento. Profissionais de diferentes áreas descreviam como estavam suas vidas. Farmacista, entregador, advogado e até uma prostituta transformaram em palavras suas visões. Pediram para a Azul que indicasse alguém para contar como os pilotos estavam lidando com o novo mundo. Me foi solicitado um texto. Por algum motivo ele acabou não publicado pela revista, mas quem leu na época gostou, o que acabou me incentivando a escrever o que viria anos depois a ser meu primeiro livro. Compartilho aqui com vocês minha visão na época.

Felipe Dexheimer é piloto comercial da Azul, tem 44 anos e é comandante de Airbus A330 em rotas internacionais. Filho de um comandante aposentado da VARIG, tem um irmão que exerce a mesma função também na Azul.

Retornando de férias, as notícias são preocupantes: a "gripe chinesa com nome de cerveja" parece ser bem mais séria do que eu (e muitos) acreditava(m). Alta contaminação e UTIs superlotadas pelo mundo, alto risco para os idosos.

Na semana que seguiu, medidas de isolamento social foram adotadas em São Paulo, onde moro. Meu pai, então com 73 anos e pré-diabético, apesar do seu histórico de atleta (vice-campeão Brasileiro de basquete, e esportista amador até hoje) se isolou em sua casa em Indaiatuba. Com casamento marcado para 18/07, achei prudente adiar o casamento para 2021. Eu, minha noiva (comissaria de bordo da AZUL, agora em licença por 6 meses) e meu filho (do primeiro casamento, com 13 anos) ficamos em quarentena, só eu saindo para fazer compras 1 vez por semana, de máscara, luvas e muito álcool em gel.

Previsão de redução grande no número de voos nos próximos meses, e com isso redução de boa parte do salário, que depende muito da produtividade. Elaboramos um belo corte de custos para aguentar.

Voo para Fort Lauderdale

Primeiro voo após a declaração de pandemia, saio para voar sem saber o que esperar. A primeira diferença gritante é no trânsito. Quem mora em São Paulo vai entender. Não chega a ser um apocalipse Zumbi, mas as ruas estavam incrivelmente vazias. Chego em Campinas em pouco mais de uma hora, trajeto que normalmente leva quase duas.

Uso máscara em lugares públicos, evito tocar em tudo que posso, e uso álcool em gel sempre que toco algo. O aeroporto é outra surpresa: praticamente vazio. A Azul reduziu os voos de 2 por dia para Fort Lauderdale (ao lado de Miami) para 1 por semana. Um clima muito estranho e ruim entre passageiros, funcionários do aeroporto e tripulação (3 pilotos e 10 comissários)

O voo é um voo muito curto: chegaremos na Florida às 8 da manhã e sairemos do hotel às 8 da noite (12 horas de repouso). A preparação para a decolagem é quase normal, de diferente o silêncio na frequência do controle de solo chama a atenção. Pouquíssimos aviões estão voando. Nesse voo, sobrevoamos a região de Brasília, Amazônica, Suriname, Trinidad e Tobago, Porto Rico e Miami. Apesar de ser um voo noturno, sempre escutamos muitas aeronaves voando e se comunicando nas frequências que usamos. O silêncio é assustador. Praticamente estamos sozinhos no céu.

Ao chegarmos, outra constatação de que o mundo está diferente: sem tráfego aéreo na chegada (muito comum), não há filas na imigração Americana. Assim como o trânsito até o hotel, apesar de mais

movimentado do que São Paulo, era visível o pequeno número de carros. O hotel foi tão impressionante quanto todo o resto: um hotel com 9 blocos de 4 andares, tinha 3 quartos ocupados, além dos 13 tripulantes que chegavam na nossa tripulação.

A tarde, fui ao mercado, todos de máscara, não muito cheio, mas o corredor do papel higiênico estava barricada, e só permitiam um pacote por cliente. Até hoje me pergunto qual o fetiche que as pessoas têm com o papel higiênico? Por que esse desespero para comprar isso na hora da crise? Já estive na Florida antes da passagem de um furacão, e vi que água estava faltando em algumas lojas e mercados, mas o papel higiênico segue uma incógnita...

O voo de volta foi tão "silencioso" quanto à ida, com o agravante de ver o aeroporto de Fort Lauderdale, com 4 terminais vazios, TODAS as lojas fechadas e movimento de filme de terror (totalmente deserto).

Voo "para" Lisboa

Devido às restrições de desembarque de estrangeiros em Portugal, a Azul para manter essa rota que estava repatriando Brasileiros e Portugueses, teve que criar uma escala técnica em Recife, onde havia troca de tripulação: uma tripulação de revezamento (dupla) faria o trecho REC-LIS-REC, cada etapa dessas com aproximadamente 7 horas de voo. Minha tripulação foi de passageiro até Recife um dia antes do voo. Todos a bordo usando máscaras, um clima bem estranho, diferente. Como no outro voo, o aeroporto quase vazio lembra que algo está muito diferente.

Ao desembarcar em Recife, aproximadamente 30 taxistas e motoristas de aplicativo "disputavam" cada cliente em potencial que desembarcava. Isso me fez ver a gravidade da crise econômica que está apenas começando. Restaurantes fechados, café da manhã no hotel com distanciamento social, mesas para 2 pessoas no máximo, talheres embrulhados e presumivelmente esterilizados.

Durante a travessia do oceano Atlântico, as comunicações são feitas de forma menos constante, por ter menos tráfego, e por não utilizarmos rádios VHF, o "silêncio" não é incomum.

A chegada em Lisboa foi outro assunto: um dos aeroportos mais movimentados que operamos, com praticamente uma decolagem ou pouso por minuto no horário de mais movimento, estava irreconhecível. Fomos a única aeronave em aproximação para pouso, e a única taxiando até a posição de estacionamento. Um número incontável de aeronaves da TAP estacionadas por todos os pontos possíveis do pátio. Uma cena tão deprimente quanto o terminal de Fort Lauderdale com suas lojas fechadas. Só quem viu a cena pode ter a dimensão da catástrofe que estamos envolvidos. O mundo todo.

Cargueiro para a China

Aproveitando a "sobra" de aeronaves devido à redução drástica da malha de voos ocasionada pela pandemia (no primeiro mês, a Azul reduziu o número de voos diários de cerca de 900 para 70), surgiu uma oportunidade de utilizar esses aviões com grande capacidade de transporte de cargas nos porões, para buscar cargas na China. No caso específico desse voo, exames de Covid-19. Toneladas de exames. Foram criados procedimentos de segurança junto às autoridades aeronáuticas inclusive para o transporte de caixas nos assentos de passageiros.

O voo previa uma ida de Campinas para Amsterdam, na Holanda, 12 horas de voo. Depois do repouso, a "missão" (foi considerado pelas autoridades missão humanitária) partiria para a China, mais 12 horas de voo. Após o pouso, 12 horas depois, a tripulação não desembarca do avião, aguarda o carregamento (um pouco menos de 3 horas) e parte de volta para Amsterdam (14 horas de voo, devido aos ventos contrários e algumas restrições criadas pelo controle de tráfego aéreo chinês).

Alguns detalhes interessantes sobre esse voo valem a penas serem mencionados.

Primeiramente, a duração da jornada, que ultrapassa qualquer limite da legislação vigente. Isso foi autorizado pelas autoridades devido ao trabalho do SAFETY (setor responsável pela segurança operacional de uma empresa aérea), que criou regras de repouso, número de tripulantes necessários para o voo e procedimentos de controle da carga embarcada na cabine de passageiros. Estávamos em 4 comandantes, 4 copilotos, 8 comissários, 3 mecânicos e um responsável pela carga.

Outro ponto importante são as regras de tráfego aéreo. Praticamente o mundo todo utiliza "pés" como medida de altitudes e alturas. A China utiliza metros. Isso é algo que deve ser estudado e muita atenção deve ser dada quando mudamos de região de controle de voo.

Como estávamos transportando carga nos assentos de passageiros, havia a necessidade da presença de comissários de voo, treinados para algum eventual combate a incêndio.

O último ponto interessante foi Amsterdam. Apesar da cidade estar mais vazia, tive uma sensação de vida normal. Bares e restaurantes abertos. Máscaras? Só em transporte público ou para quem estiver com algum sintoma ou doente. Foi boa a sensação de que a vida pode e vai voltar ao normal. Depois de tantos voos (não foram só esses que comentei, passei algumas vezes por Fort Lauderdale, Orlando e Recife) vendo um mundo fechado e quase hostil, a simples ideia de sentar-se em um restaurante e pedir uma refeição normalmente me trouxe uma esperança de que em breve, a vida vai voltar ao que estávamos acostumados, ou muito próximo disso.